

Centro de Ensino reduz repetência a 1%

Passar de ano é o presente de fim de ano mais esperado por todo aluno, principalmente no Brasil onde de cada 100 estudantes 70 conseguem essa proeza. Mas há exceções. No Centro de Ensino do Sesi em Taguatinga, por exemplo, a repetência caiu para menos de 1% nos últimos três anos.

Sem comprar um único computador, ou investir um tostão a mais, a comunidade mudou a qualidade do ensino na escola. "O segredo foi integrar os pais, professores e alunos", receita Sônia Xavier, que há três anos iniciou uma experiência pedagógica inovadora no Sesi de Taguatinga.

Em 1995, a escola registrava uma média de repetência de 25% nas oito séries do ensino fundamental. Com 2 mil alunos e um índice elevado de crianças muito velhas para a série que cursavam, o colégio estava dentro dos parâmetros educacionais do País. "Quando assumimos, percebemos que os alunos não tinham estímulo para aprender e muito menos para ir à aula", lembra Sônia.

Mas a nova coordenação resolveu aceitar o desafio e acabar com a chamada cultura da repetência. Os professores foram os primeiros a chiar. "Havia uma prática de culpar o aluno pelo fracasso e achar que o poder de reprovar dava autoridade ao professor", conta. Aos poucos, com muitas palestras, conversas e seminários foi se estabelecendo um

consenso de que a repetência não trazia nada de positivo para a criança.

O objetivo de todos passou a ser a aprovação do aluno. Primeiro, criaram-se as turmas de aceleração. Todas as crianças que estavam acima da idade correta para a série que cursavam foram colocadas nesses grupos. Utilizando material pedagógico especial e uma atenção mais individualizada de cada aluno, os professores conseguiram ensinar o suficiente para que todos os meninos voltassem às salas de aula regulares, na série correta.

Para evitar que esses esforços fossem desperdiçados a diretoria contratou coordenadores pedagógicos responsáveis pelo acompanhamento de cada turma. Além de verificar o andamento das aulas e do aprendizado, esse profissional podia intervir no processo de ensino, chamando a atenção do professor para algum aluno, ou mesmo dando dicas sobre problemas de didática.

A cada semestre, as crianças que não tinham vencido suas dificuldades com alguma matéria recebiam um reforço escolar. Os professores eram contratados ora pela coordenação do colégio, ora pela Associação de Pais e Mestres (APM).

Outro ponto importante: a disciplina. "Muitos meninos matavam aula para ir ao shopping e os pais nem ficavam sabendo". A escola chegou a passar telegra-

mas fonados para que as famílias comparecessem e justificassem a ausência dos filhos.

Os eventos para atrair os pais para dentro da escola aumentaram – feiras de ciências, jogos recreativos, gincanas. A idéia era promover o encontro e a confraternização da comunidade. Daí, surgiram grupos de pais ativos, ligados em cada problema. E mais importante do que isso: famílias ativas para propor soluções imediatas.

Rosângela Lima tem dois filhos matriculados no Sesi, um na pré-escola e outro na quinta série. "De repente conheci muitos pais que nunca tinha visto antes no colégio, apesar de meu filho mais velho estudar lá há quase oito anos", observa. O próximo passo foi trocar telefones. "A gente fica de olho, apareceu alguma coisa estamos lá para co-

brar e também sugerir".

Um exemplo bem concreto foi a greve da Fundação Educacional no início do ano. Todos os professores do Sesi são cedidos pelo governo do Distrito Federal. Mas os alunos de Taguatinga não ficaram sem aula. A diretoria, por sugestão dos pais, correu para contratar professores que pudessem ensinar enquanto durasse a paralisação.

"É uma espécie de bola de neve. Quando entramos em sala de aula, sentimos que as famílias se preocupam e a diretoria também. Com isso, me sinto muito mais estimulado para dar uma boa aula", relata Carlos Lima, professor de Ciências e Matemática, de quinta, sétima e oitava séries. Antes de trabalhar no Sesi de Taguatinga, Carlos ensinava em uma escola pública de Ceilândia. (M.O.)